

EDUCAÇÃO PÚBLICA

UNIVERSIDADES PÚBLICAS: FUTURE~SE ou HOJE~SE?

©ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS: <http://www.abc.org.br/2019/04/15/universidades-publicas-respondem-por-mais-de-95-da-producao-cientifica-do-brasil/>

[Obs. Tenho postado muitos *links* para textos importantes como este, mas vários sites vêm sendo cancelados ("volatilizados" no universo cibernético). Assim, visando garantir a preservação futura desta memória importante, o texto é copiado abaixo, mas **recomendo acessar o link** acima para ver a fonte original. Manfredo Winge]

UNIVERSIDADES PÚBLICAS RESPONDEM POR MAIS DE 95% DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO BRASIL

POLÍTICA DE CTIE | 15 de abril de 2019

Áudio: http://www.abc.org.br/wp-content/uploads/2019/04/amazon_polly_32467.mp3?version=1556543619

Leia o excelente artigo de Mariluce Moura, publicado em 11 de abril no Ciência na Rua, sobre quem produz ciência de fato no Brasil.

Quem minimamente acompanha a questão da produção científica no Brasil e do financiamento da pesquisa em ciência, tecnologia e inovação sabe que, ao lado da meta tão longamente sonhada da aplicação de 2% do PIB no setor, um bom equilíbrio entre investimentos públicos e privados nessas atividades constitui o segundo grande objeto de desejo de boa parte dos estrategistas e gestores da área – além, é claro, da parcela da comunidade científica nacional bem antenada às políticas de CT&I.

Isso se apresentou desde a redemocratização do país, na segunda metade dos anos 1980. O espelho em que todos miravam era obviamente o das nações mais desenvolvidas. O pensamento que então se espraiava, muito distante de recentíssimas tentações obscurantistas, era o de que o desenvolvimento científico e tecnológico constituía condição *sine qua* para um verdadeiro desenvolvimento socioeconômico e para a implantação de uma sociedade mais justa.

Na época, o Brasil andava ali pela casa de pouco mais de 0,7% do PIB em investimentos totais em ciência e tecnologia e a participação do setor privado, quer dizer, de empresas, ressalte-se, nesse bolo, mal ultrapassava a marca de 20%. De lá para cá, o país fez uma reviravolta nesses números, avançou muito, e pode-se mesmo dizer que cresceu espetacularmente, quando a métrica é o volume de artigos científicos indexados em bases de dados internacionais, um indicador mundialmente consagrado. Essa produção científica praticamente dobrou do começo para o fim da primeira década do século XXI. E continuou sua ascensão consistente (dados disponíveis até 2016).

A expansão notável, fruto de algumas políticas muito bem estruturadas que estão a merecer outros comentários no *Ciência na rua*, foi baseada na capacidade de produzir ciência das universidades públicas brasileiras, com a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), ou seja, duas grandes universidades estaduais paulistas, mais algumas grandes universidades federais, como a do Rio de Janeiro (UFRJ), a de Minas Gerais (UFMG) e a do Rio Grande do Sul (UFRGS), na liderança desse processo. Mais de 95% dessa produção científica do Brasil nas bases internacionais deve-se, assim, à capacidade de pesquisa de suas universidades públicas.

Daí o espanto que causou a seguinte afirmação do presidente da República durante entrevista à rádio Jovem Pan, na noite da segunda-feira, 8 de abril:

“(…) e nas universidades, você vai na questão da pesquisa, você não tem, poucas universidades têm pesquisa, e, dessas poucas, a grande parte tá na iniciativa privada, como a Mackenzie em São Paulo, quando trata do grafeno”.

A resposta da Academia Brasileira de Ciências

A primeira e tranquila reação do presidente da Academia Brasileira de Ciências, Luiz Davidovich, físico, professor da UFRJ, pesquisador dos mais respeitados por seus brilhantes trabalhos em emaranhamento quântico, foi observar que “é importante fornecer ao Presidente da República a informação correta sobre as universidades brasileiras, coletadas por órgãos internacionais”

Relata em seguida que, “de acordo com recente publicação feita por Clarivate Analytics a pedido da CAPES, o Brasil, no período de 2011-2016, publicou mais de 250.000 artigos na base de dados Web of Science em todas as áreas do conhecimento, correspondendo à 13ª posição na produção científica global (mais de 190 países)”. As áreas de maior impacto, prossegue, “correspondem a agricultura, medicina e saúde, física e ciência espacial, psiquiatria, e odontologia, entre outras”.

Davidovich ressalta que “todos os estados brasileiros estão representados” nessa produção, “o que mostra uma evolução em relação a períodos anteriores e o papel preponderante desempenhado pelas universidades públicas que estão presentes em todos os estados”.

Outro ponto fundamental de sua fala: “Mais de 95% das publicações referem-se às universidades públicas, federais e estaduais. O artigo lista as 20 universidades que mais publicam (5 estaduais e 15 federais), das quais 5 estão na região Sul, 11 na região Sudeste, 2 na região Nordeste e 2 na Centro-Oeste”.

Desempenho das principais universidades brasileiras em pesquisa

Período 2011-2016

Universidade	Documentos na Web of Science	Impacto da citação	Artigos no Top 1 (%)	Artigos no Top 10 (%)
Univ. de São Paulo (USP)	54.108	0,93	1,06	7,96
Univ. Estadual Paulista	20.023	0,79	0,69	6,10
Univ. Estadual de Campinas	17.279	0,94	1,22	8,35
Univ. Federal do Rio de Janeiro	16.203	0,93	1,11	8,18
Univ. Federal do Rio Grande do Sul	14.611	0,89	0,86	6,6
Univ. Federal de Minas Gerais	13.294	0,88	0,67	6,24
Univ. Federal de São Paulo	10.667	0,93	1,05	6,15
Univ. Federal do Paraná	8.233	0,67	0,44	5,31
Univ. Federal de Santa Catarina	7.908	0,91	0,66	6,79
Univ. do Estado do Rio de Janeiro	6.433	1,01	1,45	8,98
Univ. Federal de Pernambuco	6.420	0,73	0,48	5,51
Univ. Federal de Viçosa	6.373	0,63	0,56	4,33
Univ. de Brasília	6.218	0,89	1,13	6,10
Univ. Federal de São Carlos	5.794	0,72	0,50	6,28
Univ. Federal de Santa Maria	5.750	0,65	0,24	4,96
Univ. Federal do Ceará	5.621	0,76	0,75	6,12
Univ. Federal Fluminense	5.441	0,71	0,70	5,99
Univ. Federal de Goiás	4.217	0,74	0,81	5,90
Univ. Federal da Bahia	4.198	0,81	0,88	6,77
Univ. Estadual de Maringá	4.067	0,61	0,44	4,50

Fonte: Research in Brazil - A report for CAPES by Clarivate Analytics - 2017

Essas publicações, destaca o presidente da ABC, “estão associadas a pesquisas que beneficiam a população brasileira e contribuem para a riqueza nacional. Graças a essas pesquisas, o petróleo do pré-sal representa atualmente mais de 50% do petróleo produzido no país, a agricultura brasileira sofisticou-se e aumentou sua produtividade, epidemias, como a do vírus da zika, são enfrentadas por grupos científicos de grande qualidade, novos fármacos são produzidos, alternativas energéticas são propostas, novos materiais são desenvolvidos e empresas brasileiras obtêm protagonismo internacional em diversas áreas de alto conteúdo tecnológico, como cosméticos, compressores e equipamentos elétricos”.

A realidade que os dados mostram

Coordenador do projeto Métricas, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), o professor Jacques Marcovitch, ex-reitor da USP (1997-2001), enviou a pedido do *Ciência na rua* duas tabelas também muito reveladoras da produção científica das universidades brasileiras. A primeira, baseada no Leiden Ranking, “mostra que das 20 universidades que mais publicam no Brasil, não há nenhuma privada”, ele comentou.

A segunda, modificada do capítulo de autoria de Solange Santos na obra coletiva *Repensar a Universidade (Repensar a universidade: desempenho acadêmico e comparações internacionais)*, organizado por Jacques Marcovitch, 256 pp, São Paulo, ComArte, 2018, disponível para download), mostra resultados de todas as universidades no Brasil em rankings internacionais e, ele observa, “aparecem apenas as PUCs em termos de privadas, e em posições relativamente baixas”.

Uma terceira tabela, mais extensa e bastante atualizada, foi obtida pelo diretor científico da Fapesp, professor Carlos Henrique de Brito Cruz, a partir da base de dados Incites. O que ele observa é que, “das 100 universidades brasileiras que mais publicaram artigos científicos no quinquênio 2014-2018, há 17 privadas. A melhor colocada é a PUC Paraná, em 37º lugar”. (Mariluce Moura para *Ciência na Rua*, 11/4/2019)

Comentários & Réplicas

Extremamente importante sempre batalhar contra a tendência de um obscurantismo regressivo no nosso País e o artigo acima da Mariluce é, neste sentido, muito oportuno.

Qualquer administrador, público ou privado, ao procurar organizar um setor especializado ou a falar em público sobre determinado assunto específico, ainda mais fora da área de seus conhecimentos, deverá buscar apoio e orientações com as pessoas experientes da área, independentemente de posições ideológicas. Esta capacidade de ouvir e aprender para decidir corretamente beneficiará a boa execução de projetos e valorizará a sua administração. Assim, temos hoje um ministro da educação que parece já ter receitas de bolo prontas para alterar a linha de ação e objetivos de pesquisas científicas e tecnológicas em andamento que vêm de longas datas e outras já programadas por vir.

Por isto, gostaria de tecer algumas considerações sobre pesquisa científica e sua importância. Grandes avanços científicos com eventuais desenvolvimentos tecnológicos, públicos ou privados, têm como nascedouro frequente a pesquisa básica tocada principalmente por universidades públicas.

Decorrem, muitas vezes, destas pesquisas patentes de usos de substâncias ou de técnicas diversas, bem como conhecimentos novos que, divulgados, irão ativar áreas de serviços ou de produção principalmente privados. Convênios com empresas privadas podem gerar dividendos também ao desenvolverem, em sinergia, projetos de interesse comum. Especialização e treinamento de pessoal de empresas nas atividades de extensão universitária também podem gerar recursos. É importante que estes recursos fiquem na instituição pública fomentando mais projetos e atividades similares, sem que o governo garfe “excedentes” desses rendimentos.

Dessa teia de atividades acadêmicas, pesquisas e extensão, forjam-se as novas gerações de profissionais nas mais diversas áreas científicas e artísticas/culturais. Professores universitários devem ser pesquisadores também ou ter vínculos com a pesquisa de modo a que estejam sempre muito atualizados em suas áreas específicas para formar excelentes profissionais que são, junto com os frutos das pesquisas e da extensão universitária, o resultado social e financeiro das universidades públicas que tem tudo a ver com o futuro do Brasil diferentemente de algumas “empresas de ensino” tipo cuspe e giz vendedoras de canudos.

Assim, deveríamos ter um ministro mais “técnico” e menos ideológico que ouvisse e dialogasse mais, sem sair procurando “comunistas e petistas, plantações de maconha” e outros mimimis que não interessam a um debate acadêmico/científico e são um acinte à nossa cada vez mais frágil democracia, hoje balançando por conta desse bordão “nós (*os bons*) contra os outros”, copiado dos tempos do lulapetismo, e suas variantes, propalado perniciosamente nas “redes sociais” muitas vezes sem autoria, apocrifamente.

Last but not the least: nas universidades públicas os gastos são mínimos e o resto dos custos são investimentos indispensáveis para o futuro da Nação.

Manfredo Winge - <http://mw.eco.br/zip/hp.htm> [confraria democrática do bom senso]

Webmaster: [1º SITE do IG/UnB](#)

[Glossário Geológico Ilustrado](#)

[SIGEP Sítios Geológicos e Paleobiológicos do Brasil](#)

"Aqueles preocupados com o custo da educação deveriam antes considerar o custo da ignorância".

Derek Bok, ex-Reitor da Universidade de Harvard (*foi-me enviado por e-mail*)

De: Manfredo Winge

Enviada em: segunda-feira, 9 de março de 2020 18:54

Assunto: MEC 2 – repassado por whatsapp

Pesquisadores da USP produzem coronavírus em laboratório

06 de março de 2020

Ver em: <http://agencia.fapesp.br/pesquisadores-da-usp-produzem-coronavirus-em-laboratorio/32692/>

Oh pessoal, olha aí a USP!!

Uma universidade pública estadual com apoio e gestão, competentemente aparelhada para tocar o bom ensino e pesquisas sérias como esta em regime de "emergência".

Enquanto isto, o ministro da educação, Weintraub, até agora não apresentou nem um esboço de um PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO que busque definir e integrar os sistemas de ensino básico, técnico, superior, pesquisa, etc. Pelo contrário, em uma síndrome de politiquite, ele vê muitos fantasmas petistas e comunistas em profs. e pesquisadores. Essa crise, talvez se deva ao fato de ter tomado como “remédio” um xarope ideológico *fake*, “olavete”, errado para essa doença e tudo o mais. Junto a isto, que já é grave (antidemocrático), soma-se a “febre” da tesoura do Guedes de sair capando as universidades públicas e institutos federais dos seus recursos essenciais de novas ou existentes bolsas de iniciação, de pós, de estudos, de pesquisas e, até, das próprias pesquisas. Será que a PEC do TETO não está sendo descumprida com cortes de verbas com valores nominais+inflação menores do que dos anos antecedentes em projetos educacionais prioritários?

Não fosse só isso, ainda busca orientação para o MEC com um diretor da Capes que defende o CRIACIONISMO como linha geral das pesquisas públicas brasileiras (não deveriam ser laicas?). Ao que me consta, o MEC, tirando a apresentação monocórdica, do FUTURE-SE (<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/52641>), não organizou nenhum encontro amplo, envolvendo, direta ou indiretamente, todo o professorado que está *no front dessa batalha*, inclusive professores aposentados como nós (esses seminários deveriam ser periódicos e amplos, com discussões em grupos setoriais, e não ficar restritos a alguns deputados e pessoal do ministério) para discutir as linhas de ensino, de pesquisa, de gestão, etc. a serem implementadas no País. Poderiam ser realizadas “simultaneamente” em nível federal, estadual e municipal com uma pauta tronco prioritária para em um segundo momento, contando com teleconferências (?), os assuntos de maior relevância serem cotejados e compatibilizados no que for possível, enxugando as duplicações e os excessos, excessos que poderiam constituir um apêndice de propostas não aprovadas.

Assim verifica-se uma abulia de função específica sem precedentes neste cargo ministerial que deveria, vendo as necessidades prementes do futuro automatizado próximo, buscar junto aos órgãos de planejamento a qualificação deste PROGRAMA como DE PRIORIDADE TOTAL visto que de seu resultado se terá melhor formação cidadã e capacitação profissional para todos que é a EDUCAÇÃO consubstanciada em ENSINO, PESQUISA, CULTURA, ESPORTE (*mens sana in corpore sano*) integrados vertical e horizontalmente com os demais ministérios setoriais afins e secretarias estaduais e MUNICIPAIS!!! Nosso POVO é a PRIORIDADE TOTAL como em toda a DEMOCRACIA PLENA.

Esta dispersão ministerial, para não dizer algo mais forte, virá, certamente, a prejudicar as próximas gerações na sua preparação como melhores cidadãos e profissionais que serão a elite brasileira para gerenciar setores públicos e privados da "NOSSA PÁTRIA AMADA" de todos brasileiros que têm direitos iguais, sejam azuis, vermelhos, cor de rosa choque, verde do meio ambiente, etc., e até marrom (desde que não sejam fascistas com atuação deletéria)".

Manfredo Winge - <http://mw.eco.br/zip/hp.htm> [confraria democrática do bom senso]

"Aqueles preocupados com o custo da educação deveriam antes considerar o custo da ignorância".

Derek Bok, ex-Reitor da Universidade de Harvard (*foi-me enviado por e-mail*)

Voltar para o [SITE](#) – Voltar para [Ensino Público no Brasil](#)



[ENVIE SEUS COMENTÁRIOS](#)

Caro internauta. A sua participação com comentários, sugestões, **críticas**,... é sempre bem vinda e poderá ser postada, **caso o texto**, coerente com o assunto abordado, tenha redação adequada a um *forum* de debates pautado no bom senso - clique na caixa de correio e envie, indicando o assunto como título do texto e torne-se um confrade da CONFRARIA DEMOCRÁTICA DO BOM SENSO - CLIQUE [Para informar ou cancelar seu endereço de e-mail](#)

Para localizar qualquer assunto ou nome pressione ‘Ctrl’ e ‘F’ simultaneamente e digite parte da palavra procurada no quadro que se abre